



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS  
SOLIDÁRIOS  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM  
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO

GABRIELA DE SOUTO PONTES

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E ECONOMIA SOLIDÁRIA:  
DAS FRUSTRAÇÕES AO EMPODERAMENTO DO SER

CUITÉ – PB  
2017

GABRIELA DE SOUTO PONTES

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E ECONOMIA SOLIDÁRIA:  
DAS FRUSTRAÇÕES AO EMPODERAMENTO DO SER**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase e Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leticia Caporlândia Giesta

CUITÉ – PB

2017

IUFCEG/BIBLIOTECA



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

P814e Pontes, Gabriela de Souto.

Educação de jovens e adultos e economia solidária: das frustrações ao empoderamento do ser. / Gabriela de Souto Pontes. – Cuité: CES, 2017.

50 fl.

Monografia (Especialização em educação de jovens e adultos com ênfase em economia solidária) – Centro de Educação e Saúde / UFCEG, 2017.

Orientadora: Letícia Carpolíngua Giesta.

1. Economia solidária. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Desigualdades sociais. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCEG

CDU 330.873

GABRIELA DE SOUTO PONTES

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E ECONOMIA SOLIDÁRIA:  
DAS FRUSTRAÇÕES AO EMPODERAMENTO DO SER

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Leticia Caporlândia Giesta (Orientadora)  
UFCG/CES

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Michele Gomes Santos (Titular - Interno)  
UFCG/CES

---

Prof. Dr. José Carlos Oliveira Santos (Titular - Interno)  
UFCG/CES

CUITÉ - PB  
2017

UFCG/BIBLIOTECA

Dedico este trabalho a Deus, autor da vida.  
Bem como aos que colaboraram para a  
realização desta conquista.

## RESUMO

A constante necessidade do ser humano em produzir, coloca a Economia Solidária como alternativa ao modo de produção competitivo e desigual do capitalismo. Uma economia voltada aos princípios da cooperação e autogestão é uma economia que visa à igualdade social. O trabalho discute o tema revelando a resiliência como a capacidade inata do ser humano ao reagir de forma confiante e consistente às adversidades, reagindo com positividade diante das circunstâncias desagradáveis, relacionando este princípio com os obstáculos enfrentados à problemática de uma educação fundamentada na EJA. É necessário salientar a importância em estimular a resiliência nos participantes de empreendimentos solidários, visto que, de acordo com Singer, a Economia Solidária tem por princípios, a igualdade do capital e o direito à liberdade individual de cada participante que acaba por sofrer com a alta competitividade do capitalismo, em relação aos produtos. Assim, verifica-se que através das estratégias de resiliência é possível observar a valorização do trabalhador. Portanto, conclui-se que, além de tentar se igualar na sociedade, estes participantes sofrem com a falta de incentivo local e baixa procura no artesanato, como no caso da Cooperativa Cuiuiú, analisada neste trabalho, através das contribuições de uma artesã da comunidade. A partir disso, o que se percebe são trabalhadores desanimados com a situação e exaustos com a responsabilidade de obter sucesso com a cooperativa para, assim, competir com o capitalismo, independentemente do lucro, segundo a artesã.

Palavras-chave: Desigualdades sociais; Trabalho; Resiliência; Estratégias.

## ABSTRACT

The constant need for the human being to produce places the Solidarity Economy as an alternative to the competitive and unequal mode of production of capitalism. An economy focused on the principles of cooperation and self-management is an economy that aims at social equality. This study discusses the theme by revealing resilience as the innate ability of the human being to react confidently and consistently to adversity, reacting positively to unpleasant circumstances, linking this principle with obstacles faced in youth and adult education. It is necessary to emphasize the importance of stimulating resilience in the participants of solidarity enterprises. It is verified that through strategies of resilience it is possible to observe the worker's valorization. Therefore, it is concluded that, in addition to trying to be seen in society as equals, these participants suffer from the lack of local incentive and low demand to buying crafts, as in the case of "Cooperativa Cuiuiú", analyzed in this study, through the contributions of a community artisan. From this, what is noticed are workers discouraged by the situation and exhausted with the responsibility of succeeding with the cooperative to compete with capitalism, independent of profit, according to the artisan.

Keywords: Social inequalities; Work; Resilience; Strategies.

## LISTA DE ABREVIATURAS

CETES – Centro de Ensino Técnico em Saúde

ECOSOL – Economia Solidária

EJA – Educação de Jovens e Adultos

PAQTC-PB – Fundação Parque Tecnológico da Paraíba

PEASA – Programa de Estudos e Ações do Semiárido Paraibano

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande



## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Tipos de Coping .....	27
QUADRO 2 – Roteiro da entrevista .....	33

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	13
2.1 A Educação de Jovens e Adultos no Brasil .....	13
2.2 A Cooperativa Cuiuiú.....	17
2.3 Economia Solidária e EJA .....	21
2.4 Resiliência .....	24
2.5 Resiliência Frente às Desigualdades Sociais .....	27
3 METODOLOGIA .....	32
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	41
APÊNDICES .....	43
ANEXOS .....	48

## 1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa está voltado ao processo de educação fundamentada na Educação de Jovens e Adultos (EJA) influenciada pela superação das necessidades e regaste da autoestima do público desta modalidade que, a partir da resiliência, decidiram voltar aos estudos, dando continuidade no processo da autonomia e posse dos seus direitos. Salientando que esta modalidade de educação, por se tratar de um processo permanente e contínuo, tanto pode ser compreendida como formal, informal ou não-formal, dependendo da forma que for utilizada para suprir a carência do alunado. Por reflexão, o dia a dia desenvolve o homem, pois é no passar do tempo que os saberes são fixados na rotina e costumes diários e o potencial do ser humano é constantemente aprimorado, seja através dos conceitos escolares ou não.

O presente trabalho objetivou analisar como um estudante da modalidade EJA, a partir das estratégias de resiliência, se comporta diante das dificuldades encontradas no dia a dia, dividindo seu tempo entre a jornada de trabalho e o ambiente escolar. Também levanta questões sobre Economia Solidária (ECOSOL), como geração de trabalho e renda. O que abordaremos nesta análise é a forma como uma artesã participante de grupo de Economia Solidária enfrenta as desigualdades sociais, utilizando as estratégias de resiliência, relacionando-os com a perspectiva de uma educação não-formal fundamentada na EJA, visto que esta artesã realizou cursos de formação continuada para aprimoramento das peças do artesanato. Esta pesquisa traz conceitos sobre resiliência que restaurar a autoestima dos indivíduos, reinserindo-os na sociedade e no universo escolar como princípio de cidadania.

O estudo realizado traz contribuições de uma artesã da Cooperativa Cuiuiú, no interior da Paraíba, acerca da vivência na comunidade e o trabalho com artesanato num grupo participante de Economia Solidária, a qual pertence. A artesã também traz informações relacionadas às desigualdades enfrentadas nesta forma de trabalho, bem como o enfrentamento delas para lidar com as frustrações e sair fortalecida. Este enfrentamento se dá a partir das estratégias de resiliência, como um processo inato do ser humano que, dependendo de suas características, pode ser considerado como mais ou menos resilientes.

A resiliência é o termo que indica como o indivíduo responde aos problemas do dia a dia e como foi a sua capacidade de recuperação emocional frente a eles. Desta forma, quanto mais resiliente uma pessoa for, mais preparada para enfrentar as adversidades ela será. O contexto da sociedade atual traz a tona diversas situações estressantes no dia a dia, acarretando em alguns indivíduos memórias traumáticas, desenvolvendo perturbações

psiquiátricas que interferem na rotina diária. É importante ressaltar que casos assim não são a maioria, e que existem mais pessoas capazes de enfrentar adversidades de forma positiva, extraindo benefícios dessas experiências negativas, mantendo-se, assim, saudável com o bom funcionamento psíquico e social (BONANNO, 2004).

Os estresses da vida causam sofrimento que compromete a qualidade de vida e o potencial de resiliência do indivíduo. Para vencê-lo é utilizado, como estratégia de superação, o **coping** para o indivíduo se adaptar e conseguir enfrentar as dificuldades que surgem, ocasionando assim, um dano mínimo ao que elas poderão causar. O **coping** é caracterizado como o conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos com o objetivo de lidar com situações de estresse que podem sobrecarregar o físico/emocional do ser humano (LAZARUS; FOLKMAN, 1984). As estratégias são lançadas quando o sujeito percebe que determinada situação será estressante. É preciso analisar os esforços que o sujeito realiza para manusear as adversidades, independente do resultado, pois, pessoas mais resilientes têm como qualidade a autoestima elevada, possuem pensamentos positivos sobre si e conseguem aprender com as dificuldades, tornando o processo de enfrentamento o melhor possível.

É baseado neste conceito que a pesquisa realizada com a artesã foi embasada, na questão de como ela consegue manusear as situações de estresse, decorrentes da rotina em se trabalhar com artesanato, dependendo das encomendas e matéria-prima proveniente da região para dar continuidade às confecções. Assim sendo, é possível detectar se a artesã lida de forma positiva ou negativa aos momentos de estresse, a fim de diagnosticá-la como uma pessoa de baixo ou alto grau de resiliência. Quanto mais resiliente for, menos sofrimento essas situações causarão.

Ao relacionar a resiliência com os desafios vivenciados pelos indivíduos que participam de empreendimentos solidários, percebe-se que os mesmos enfrentam uma luta diária para se manter no mercado financeiro atual, de forma sustentável, mas sem explorar o meio ambiente, nem os consumidores, com matéria-prima e recursos próprios, diferente do mercado capitalista, que é um tipo de economia que visa o lucro exacerbado e, podendo, inclusive, oferecer produtos de má qualidade que degradam o meio ambiente.

A economia voltada para o mercado tornou dominante o capitalismo na sociedade, o comércio cada vez mais competitivo, a fim de liderar nas vendas e obter maiores lucros. A predominância do sistema capitalista de produção acarretou na exclusão de inúmeros trabalhadores do mercado de trabalho por não se adaptarem às exigências e ao exagerado esforço. Tal fato forçou a criação de novos sistemas de trabalho de autogestão para o próprio

sustento, surgindo, assim, novas alternativas para a economia, baseada no princípio do cooperativismo. Como um meio de sobreviver a esse sistema, e driblar a precariedade financeira, criou-se a “Economia Solidária” (GADOTTI, 2009).

É preciso que, ao invés de uma economia competitiva, exista uma Economia Solidária, pois os praticantes desta modalidade econômica cooperam entre si e não causam prejuízos no outro. Estão todos no mesmo patamar: de igual para igual. Com o objetivo de gerar atividades econômicas para este público, a Economia Solidária, baseia-se na cooperação e união em busca de produzir e adquirir apenas o necessário, sem exploração, com o intuito de fortalecer o grupo através da participação de todos em prol do mesmo ideal: o sustento. Sua organização é igualitária e não há contrato. Não existe chefe e empregado, todos são sócios.

O resultado natural da Economia Solidária tem por princípios, a igualdade do capital num empreendimento coletivo/associado e o direito à liberdade individual de cada participante. Ou seja, a economia solidária é um modo de produção que julga a possibilidade de considerar que se toda a economia do país fosse solidária, a sociedade seria menos desigual. Assim, percebe-se a Economia Solidária como um forte fator para o aprendizado da população local, pois cada cuidado é uma experiência passada por gerações e continuada. O trabalho por meio desta economia oferece aos jovens e adultos oportunidades de trabalho, renda e sobrevivência.

Neste prisma, percebe-se que o ambiente organizacional da Economia Solidária influencia diretamente nas interações do público da EJA com o trabalho, em especial, ao que se refere a essa forma de economia. A conexão entre a educação decorrente dessa nova forma de trabalho desencadeou em um novo trabalhador, formado a partir das mudanças do mundo do trabalho capitalista em busca de renda e o sistema da união e participação que envolve a ECOSOL. Ainda, ressaltando que a educação de jovens e adultos ocorre de maneira eficaz, a presença da resiliência é importante para dar o salto inicial e modificar a situação de estagnação que muitos se encontram, como a artesã entrevistada nesta análise que escolheu dar continuidade aos estudos para se capacitar e se adequar ao mundo do trabalho.

A educação de qualidade como direito de todos os cidadãos deve oferecer aos estudantes da EJA condições favoráveis ao ensino adequado às suas necessidades. Visto que este público precisa de uma atenção especial, por se tratar de alunos que, em sua maioria, trabalha durante o dia e sentem-se cansados durante as aulas noturnas, as instituições de ensino devem dar o suporte necessário para que não haja desistência deste alunado.

Deve-se, portanto, ir além e levar em consideração as suas realidades e vivências, evidenciando nas práticas pedagógicas a existência do vínculo entre a educação e o trabalho,

motivando-os a dar continuidade aos estudos seja de modo formal, informal ou não-formal, e incentivando-os para que tenham um comportamento mais otimista e resiliente diante das adversidades vividas no dia a dia. Para Paul Singer (2005), a Economia Solidária propõe que as pessoas educadas na prática do capitalismo sejam reeducadas de forma coletiva e organizada, a fim de experimentar o processo juntos, como princípio dessa economia, e fazer a transição do modo competitivo para o cooperativo. É importante que todos estejam em sintonia para que o empreendimento dê certo.

A Economia Solidária é concebida mais além do ato pedagógico: é um ato de afeto aos cooperados. Há união, ajuda mútua, companheirismo, há reciprocidade; isto é solidariedade, esta é a chamada “nova forma de economia” que já é praticada e muitos a praticam sem saber. Participantes desta forma de economia são compreendidos como resilientes, pois, há neles a força de enfrentar as desigualdades originadas pelo capitalismo e dar a volta por cima. Sem dúvidas, esta forma de trabalho causa estresse e desanimo, mas a partir da resiliência, o indivíduo está pronto para vivenciar estes problemas, tornando, assim, uma aprendizagem diária.

Diante disso, percebe-se que a educação de jovens e adultos vai muito além dos muros da escola. É uma educação não-formal, contínua que modifica e constrói pontes de saberes primordiais para a atuação do indivíduo na sociedade. Indivíduos que regressaram às salas de aula são pessoas resilientes que não se deixaram abater pelas dificuldades que as fariam desistir. São pessoas que transmitem o que aprenderam de forma solidária, pois há nelas transformação de caráter baseada numa educação solidária que visa a melhoria do ser humano ao atuar no meio que vive e contribui.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

A capacidade do indivíduo para lidar com as dificuldades é compreendida por resiliência e está presente no ser humano como um processo inato, característica psicológica para responder às frustrações diárias, no âmbito pessoal ou profissional. Porém, se a vulnerabilidade do indivíduo for alta, menor será sua capacidade de resiliência. Ao associar a Educação de Jovens e Adultos com a resiliência, nota-se que o público desta modalidade venceu vários desafios sociais para evoluir na vida, visto que, segundo Maslach e Leiter, “Quando se sentem ineficientes, as pessoas experimentam um sentimento crescente de inadequação. Todo projeto novo parece esmagador. O mundo parece conspirar contra cada uma de suas tentativas de progredir (...)” (MASLACH e LEITER, 1999, p. 35).

Na educação de jovens e adultos a resiliência é entendida na forma em que o aluno EJA decide ir contra o sistema que o obrigou a abandonar os estudos na faixa etária correta, seja para trabalhar ou qualquer outro motivo. O aluno da EJA, portanto, pois não se acomodou a isso, escolheu enfrentar as dificuldades e exercer seu direito de cidadania e igualdade.

Os altos índices de analfabetos funcionais no Brasil, atualmente, são reflexos de uma educação precária e exclusivista, visto que, antigamente, os menos favorecidos social ou racialmente não tinham direito à escolarização, servindo apenas aos seus senhores. Diante disso, percebe-se esse reflexo sob o ensino regular e EJA precários. Esta modalidade de ensino é legalmente garantida pela Lei de Diretrizes e Bases – LDB 9.394/96 (BRASIL, 1996) e regulamentada na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), em que o direito à educação deve ser garantido a todos sem distinção:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

A EJA é uma modalidade criada para assistir os jovens e adultos que tiveram os estudos interrompidos ou sequer iniciados em qualquer fase escolar (fundamental, médio) na idade devida. Assim sendo, a educação, por se tratar de uma poderosa arma de transformação de seres, é inclusiva pelo fato de manifestar no indivíduo a autoestima e vontade de buscar

pelos seus direitos - em muitos casos, negados - como cidadãos no mundo, tornando a ação da escolarização na EJA muito além de um currículo escola, mas uma educação para a vida.

Ainda de acordo com a Constituição Federal, as instituições públicas de ensino tem que, por lei, oferecer educação digna e gratuitamente aos jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de cursar em idade regular. Entende-se, como educação digna o direito efetivado do indivíduo ao ensino e que este ensino seja de qualidade, proporcionando o seu desenvolvimento pessoal na sociedade que está inserido. Assim sendo, com uma educação de qualidade, capaz de assistir as necessidades dos alunos, é possível compreender a mesma como um ato transformador de vidas, visto que no caso da EJA, é notória a vontade do alunado em se igualar na sociedade. Um aluno EJA é aquele que enfrenta o mundo de dificuldades e está dando a volta por cima, atrás de uma educação não apenas destinada ao mercado de trabalho, mas uma educação voltada para a vida.

Estas instituições devem assegurar condições de ensino apropriadas para este público, levando em consideração seus interesses, bem como valorizar o esforço do aluno em regressar aos estudos, apesar dos percalços da vida. O alunado EJA também passará por exames e provas para concluir o curso com o objetivo de tornar-se habilitado para as séries seguintes, segundo o Art. 38 da lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996):

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos .

O Estado garante que o ensino público gratuito ofereça educação básica dos quatro aos dezessete anos, incluindo pré-escola, fundamental e ensino médio. Inclui, também, a garantia de educação infantil destinada às crianças de até cinco anos, além de assistência aos alunos com necessidades especiais e ensino noturno regular, em todas as fases da escolarização. Quanto a EJA, assegura um ensino voltado para as necessidades do aluno, dando toda a assistência possível para garantir sua permanência na escola.

Nas dependências da escola, deve-se respeitar a quantidade de alunos por sala, a fim de oferecer qualidade do ensino, tanto do aluno quanto do professor. A escola deve atender a demanda por vagas e efetuar matrículas, sem privilégios ou favoritismos, bem como apresentar ao conselho tutelar do município, ao juiz nomeado e ao representante do Ministério Público a quantidade de faltas, superior a 50% permitido por lei, dos alunos que demonstram



situação de evasão, segundo a Lei nº 10.287, 2001. Também tem a incumbência de relacionar-se com a família, criando laços entre a escola e a comunidade (BRASIL, 2001).

A EJA é uma modalidade especial da educação básica, pois ela objetiva devolver ao seu público o direito aos estudos, como princípio básico da condição humana. Essa modalidade recebe uma atenção privilegiada voltada para atender as necessidades do alunado, aqueles que trabalham durante o dia não podem ser tratados como alunos que se encontram em faixa etária/séries adequadas e não trabalham. É importante frisar que, nos últimos anos, os sistemas de ensino buscaram alternativas para driblar a distorção idade/ano, a fim de assistir melhor o alunado.

A realidade imposta, a grande maioria do público da EJA, é aquela passada desde os primórdios, no qual a educação de verdade não beneficiaria a todos, mas aos mais favorecidos socialmente. A EJA vem, portanto, com a finalidade de reconhecer este fato e trazer de volta o princípio da igualdade, conforme escrito na Constituição Federal. Esta história, ao longo dos anos, no Brasil, sofre mudanças na educação para devolver o direito do acesso aos estudos negado.

Os grupos que mais sofrem com este acesso negado e a discrepância na prática do considerado “igualdade” são os descendentes de negros escravizados, trabalhadores do campo, índios, entre tantos outros que tiveram a sua condição digna de cidadania interrompida; por ser de ordem histórico-social, estes grupos ainda sofrem atualmente pela realidade histórica, sendo necessário fazer a sua reparação. Assim, aqui se percebe a reação excludente da sociedade presente na Comunidade Cuiuiú, formada por trabalhadores do campo que têm sua atividade baseada na agricultura e no artesanato através das fibras de sisal, matéria-prima presente na região.

O Parecer CNE/CEB nº 11/2000 destaca que a EJA possui três funções que possibilitam a inclusão dos cidadãos excluídos do direito à educação básica: função reparadora, função equalizadora e função qualificadora (BRASIL, 2000).

A função reparadora da EJA visa devolver o direito pleno da cidadania, outrora negado, a dignidade como cidadão e o direito a uma educação de qualidade. Ou seja, reparar para reinserir na sociedade o homem ferido pela perda da autoestima, devido processo histórico. É a reconstrução da cidadania, como explica o Parecer CNE/CEB nº 11/2000:

Mas a função reparadora deve ser vista, ao mesmo tempo, como uma oportunidade concreta de presença de jovens e adultos na escola e uma alternativa viável em função das especificidades sócio-culturais destes

segmentos para os quais se espera uma efetiva atuação das políticas sociais. É por isso que a EJA necessita ser pensada como um **modelo pedagógico próprio** a fim de criar situações pedagógicas e satisfazer necessidades de aprendizagem de jovens e adultos. (BRASIL, 2000)

Na **função equalizadora**, a EJA busca assistir uma parcela da população que teve a educação, por qualquer motivo, interrompida, dando oportunidade para que essa parcela seja recolocada nos estudos para que, assim, aumente a oportunidade de conseguir emprego e atuar como participantes ativos na sociedade. Ou seja, é uma função dedicada para estudantes que necessitam de emprego e trabalhadores que precisam dar continuidade aos estudos, para que todos fiquem nivelados socialmente. Anda segundo o Parecer CNE/CEB nº 11/2000:

A EJA busca formar e incentivar o leitor de livros e das múltiplas linguagens visuais juntamente com as dimensões do trabalho e da cidadania. Ora, isto requer algo mais desta modalidade que tem diante de si pessoas maduras e talhadas por experiências mais longas de vida e de trabalho. Pode-se dizer que estamos diante da **função equalizadora** da EJA. A equidade é a forma pela qual se distribuem os bens sociais de modo a garantir uma redistribuição e alocação em vista de mais igualdade, consideradas as situações específicas (...) por esta função, o indivíduo que teve sustada sua formação, qualquer tenha sido a razão, busca restabelecer sua trajetória escolar de modo a readquirir a oportunidade de um ponto igualitário no jogo conflitual da sociedade. (BRASIL, 2000)

A EJA, como **função qualificadora**, propõe que a educação é um processo PERMANENTE e contínuo, é a transformação de uma sociedade digna, educada para o bem-estar e desenvolvimento humano, uma sociedade voltada para a igualdade. Esta função é o próprio sentido da EJA: o potencial do ser humano é constantemente aprimorado, seja através dos conceitos escolares ou não. O dia a dia desenvolve no homem, pois é no passar do tempo que os saberes são fixados na rotina e costumes diários, o libertando do passado opressor.

Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares (...) este sentido (qualificador) da EJA é uma promessa a ser realizada na conquista de conhecimentos até então obstaculizados por uma

sociedade onde o imperativo do sobreviver comprime os espaços da estética, da igualdade e da liberdade (BRASIL, 2000).

Sem dúvidas, a modalidade EJA é uma constante evolução do empoderamento do alunado que não pode ser considerado igual aos alunos que se encontram na faixa etária correta. São trabalhadores obrigados a abandonar os estudos no tempo corretos ou sequer iniciados, para garantir o sustento da família e o retorno nos estudos significa o retorno na sociedade. São pessoas estimuladas a dar continuidade na conclusão dos estudos, do nível da educação básica, até a educação em nível superior. Assim compreendida, a EJA ultrapassa a noção teórica de uma “massa” de transmissão de conhecimentos, refere-se à transformação do homem em sujeito portador de saberes e direitos.

Reconhecendo estas três funções da EJA como instrumentos que revelam a necessidade do indivíduo em retomar aos estudos de forma a reparar a sua autoestima, oferecendo a estes melhores oportunidades de emprego (reparadora), seja para assistir esta parcela da educação que teve os estudos interrompidos (equalizadora), ou como um processo contínuo em que o dia a dia é o responsável por desenvolver o homem, transformando a apropriação de conhecimentos através de uma educação formal ou informal (qualificadora).

Nesta análise, a função que ocorre com a artesã entrevistada é a FUNÇÃO QUALIFICADORA, visto que o artesanato é uma arte passada de maneira informal, atribuída como costume diário e presente na cultura local, ou seja, uma educação de conceito informal, bem como a motivação da mesma em buscar por capacitações através dos cursos de formação continuada, oferecidos para a cooperativa, e o curso na área da saúde que a artesã cursa durante o período noturno.

## 2.2 COOPERATIVA CUIUIÚ

Localizada a 7 km do centro do município de Barra de Santa Rosa – PB, a Coopercuiuiu (Cooperativa de Produção Artesanal de Cuiuiú Ltda), presidida por José Freires dos Santos, conhecido na comunidade como “Seu Duda”, foi reconhecida juridicamente em 16 de fevereiro de 2012 com a principal atividade econômica, a fabricação de artefatos diversos provenientes da cortiça, bambu, sisal, vime e materiais trançados no geral. Seu nome indígena é originado do Tupi, acredita-se que de um peixe do rio que corta a região.

Atualmente, a cooperativa conta com 170 famílias que trabalham com o artesanato de cordas de fibra de sisal, confeccionado na comunidade. É dele que extraem a principal fonte de renda para o próprio sustento. Esta atividade dura décadas, pois é na região de Barra de Santa Rosa a maior produção de sisal da Paraíba, porém, a realidade financeira só começou a mudar em 1997, quando o então presidente fundou a “Associação para o Progresso dos Moradores do Cuiuiú”, com a parceria entre o Programa de Estudos e Ações do Semiárido Paraibano (PEASA), a Universidade Federal de Campina Grande, a Fundação Parque Tecnológico (PAQTC-PB) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas (SEBRAE), em busca de ações que melhorassem a renda financeira dos moradores da comunidade.

A partir destas parcerias, a tradição do sisal se mantém viva, graças à inovação tecnológica dos jovens e adultos do Cuiuiú, propondo à comunidade capacitação aos membros, acompanhamento e apoio para que ela pudesse experimentar novas oportunidades de expor o seu trabalho, agregando valor a arte e ao produto natural da região: o sisal. A parceria resultou na inserção da cooperativa no mercado de artesanato brasileiro, integrando as peças da Cuiuiú no “Programa Caras do Brasil” (Anexos, Figura 12) de preservação das atividades típicas e tradicionais da localidade, incentivando a produção e comercialização, com o objetivo de fixar o jovem do campo nas atividades para a geração da própria renda, evitando assim, que os mesmos migrem para os maiores centros urbanos em busca de trabalho e perspectiva de vida.

O programa, além de incentivar o comércio justo e solidário, atua na luta contra os problemas sociais dando oportunidades aos pequenos produtores de projetos comunitários, beneficiando a geração de renda através de produtos com desenvolvimento ecológico e ambiental. Possibilita, assim, que os fornecedores dos produtos vendidos em parceria com o programa (artesãos, por exemplo) possam se profissionalizar e aprimorar seus produtos para o comércio de fácil acesso a população. Através desta atitude, o Grupo Pão de Açúcar (GPA) realiza a ponte entre tais fornecedores e os grandes mercados, visando o desenvolvimento pessoal de cada um que realiza a produção sustentável, contribuindo para manter viva a cultura do Brasil.

Assim sendo, de acordo com seu [site \(http://www.carasdobrasil.com.br\)](http://www.carasdobrasil.com.br), o programa envolve valores sociais, econômicos e ambientais:

Inclusão social com a valorização da cultura brasileira; fixação das pessoas em seus locais de origem; rejeição ao trabalho escravo e/ou infantil; repúdio

a qualquer tipo de discriminação; respeito às características e capacidade produtiva dos fornecedores; eliminação de intermediários (atravessadores); geração de renda; canal de vendas para produtos sustentáveis; uso sustentável da biodiversidade; estímulo à preservação do meio ambiente; estímulo à reciclagem.

A cooperativa foi formada inicialmente por um grupo de 15 artesãs, em especial mulheres e jovens, pois era delas a responsabilidade da cordoalha do sisal. A divisão dos trabalhos ocorria de acordo com os pedidos e a remessa de utilitários era dividida de forma igualitária entre elas. Atualmente, este grupo aumentou resgatando a independência e autoestima das mulheres, hoje denominadas ARTESÃS, pois as próprias produzem suas cordas para a criação das peças, também confeccionadas por elas, que trabalham em suas próprias casas e no dia de juntar as peças, se reúnem na sede da cooperativa. Com êxito, desde 2002, os produtos da comunidade são vendidos nos supermercados do Grupo Pão de Açúcar, reconhecidos por todo território brasileiro. Apesar do crescimento nas produções, a cooperativa não recebe incentivo ou apoio financeiro vindo dos políticos da região, todos os recursos são próprios da cooperativa.

O artesanato produzido no Cuiuiú vem da matéria-prima produzida em 111 hectares cultivados com sisal na comunidade e em áreas vizinhas. Dependendo do clima (o ideal é o clima frio), é necessário ir para outra cidade mais distante em busca do sisal ou do próprio agave para depois retirar a fibra (sisal), com isso, há gasto extra com o deslocamento. A maquinaria para o processo de cordoalha/trançamento das fibras é precária e há presença obrigatória do artesão para auxiliar (Apêndice, Figuras 1 a 5). A produção mensal é em cerca de 800 peças, com dez horas diárias de dedicação ao trabalho. No início de tudo, a cooperativa contou com a ajuda de bolsas da Universidade e dos parceiros envolvidos. Hoje, trabalham com o próprio capital, pois, com o investimento das bolsas, inicialmente, a venda dos produtos foram rápidas e diretas, gerando o capital de giro para compra dos insumos da produção.

Na 2ª edição do Prêmio SEBRAE Top 100 de Artesanato (Anexos, Figura 13), que tem por finalidade, reconhecer nacionalmente as 100 instituições de artesanatos mais competitivas, a premiação abrangeu 24 estados do Brasil, com pelo menos um núcleo contemplado. Com o total de 1.025 inscritos, apenas 188 foram escolhidos, inclusive, a Paraíba que obteve o 2º lugar com oito unidades paraibanas premiadas, entre elas, a Cooperativa Cuiuiú. O prêmio visa a melhoria da qualidade dos produtos, abre espaço para a divulgação e oportunidades de mercado para o artesanato brasileiro, com peças diferenciadas

atrativas para o comércio, além da valorização e identidade cultural local (Apêndices, Figuras 6 ao 11).

Em abril de 2011, os artesãos da cooperativa participaram de um curso de Gestão em Cooperativa, com o objetivo de orientá-los no desafio em abrir uma cooperativa, patrocinado pelo PEASA/UFCG e Fundação Parque Tecnológico da Paraíba (PAQTC-PB). Além de grandes clientes como o Grupo Pão de Açúcar. As compras podem ser diretas com os artesãos ou pelo **site** da cooperativa (Anexos, Figura 14). Dúvidas e orçamentos podem ser realizados da mesma forma. Com o curso, a intenção é fazer com que a cooperativa amplie a variedade de produtos, aumentando a produção e gerando mais renda para a comunidade, explica o professor do curso “Gestão em Empreendimentos Solidários”, Francisco de Assis Melo:

O grande desafio reside exatamente em colocar a empresa em funcionamento, fazendo com que os seus resultados sejam alcançados de modo a atender aos seus objetivos. Para isto é necessário que se tenha um modelo de gestão capaz de fazer com que o planejamento saia do papel e as coisas aconteçam na prática, atendendo às aspirações dos seus donos – os associados.

O curso engloba diversos aspectos, entre os quais, os conhecimentos prévios dos associados acerca de: desenvolvimento sustentável, diferenças existentes entre associação e cooperativa, gestão ou administração, planejamento, controle de vendas, financeiro, entre outros. Capacitados, os membros da comunidade estão aptos a enfrentar as dificuldades oriundas da guerra do mercado capitalista, capazes de lutar de igual para igual, preparados para as frustrações e êxitos que a vida financeira exige.

As informações aqui obtidas foram retidas através dos sites “Coopercuiuiu”, “Caras do Brasil” e “Top 100 SEBRAE”, por meio da entrevista com uma artesã da cooperativa e em conversa informal com Adriana Freires, filha do presidente da cooperativa, responsável pelo “marketing” da cooperativa. A função da Adriana é receber os pedidos de compras e orçamentos através da **site**, além da responsabilidade em mantê-lo ativo, sempre atualizando-o com novas peças e novidades sobre a **coopercuiuiu**.

A Cooperativa Cuiuiu é responsável pela confecção dos seguintes produtos: luminárias, bandejas, bolsas, cestos, porta-jóias, almofadas, jogo americano, porta-copo, porta-guardanapo, entre outros (Anexos, Figuras 15 a 22). Todos confeccionados com a matéria-prima da fibra do sisal. Para maiores informações sobre produtos e orçamentos, é possível acessar o site: [www.coopercuiuiu.com.br](http://www.coopercuiuiu.com.br).

### 2.3 ECONOMIA SOLIDÁRIA E EJA

A economia voltada para o mercado tornou dominante o capitalismo na sociedade, o comércio cada vez mais competitivo, lança uma gama de produtos, em numerosos locais, a fim de liderar nas vendas e obter maiores lucros. As empresas que mais lucram são as que sobressaem, diferente das que obtêm menos vendas e acumulam prejuízos, podendo vir futuramente a quebrar. A competição na economia pode ser vista como um fator positivo, visto que abre mais opções aos consumidores, como escolha por qualidade ou menores preços. Porém, esta ação causa efeito negativo na sociedade, pois, como em toda competição, há vencedores e perdedores. No mercado, os empresários “vencedores” acumulam bens e vantagens (Ex: capital próprio, avanço na carreira), os ditos “perdedores” ficam falidos e dificilmente conseguem empréstimos para abrir nova empresa.

Assim sendo, esta questão explicita o porquê do capitalismo produzir desigualdade social na competição econômica: vencedores e perdedores estarão sempre vistos em polos diferentes, onde o primeiro terá prestígio e o segundo lhe será negado a oportunidade de se inserir no mercado, ficando socialmente excluído do comércio. Isto provoca a divisão social em mais e menos favorecidos e para que haja igualdade neste meio, é preciso que, ao invés de uma economia competitiva, existisse uma economia solidária, pois os praticantes desta modalidade econômica cooperam entre si e não causam prejuízos no outro. Estão todos no mesmo patamar: de igual para igual. Na economia solidária sua organização é igualitária e não há contrato. Não existe chefe e empregado. Todos são sócios. Assim, portanto, Paul Singer alerta sobre a solidariedade da economia por “A Economia Solidária pode ser pensada como um modelo de produção ideado para superar o capitalismo.” (SINGER, 2005, p. 13)

O resultado natural da economia solidária tem por princípios, a igualdade do capital num empreendimento coletivo/associado e o direito a liberdade individual de cada participante. Tais empreendimentos visam geração de renda por meio de um trabalho em conjunto e justo, como cita Jaqueline Nascimento (2017):

Os empreendimentos econômicos solidários no Brasil se organizam com a preocupação principal de gerar trabalho e renda. Na sua funcionalidade, apresentam uma forte conotação de autogestão, na qual descobrem seus limites e suas potencialidades numa ação que une esforços no agir coletivo para a repartição do poder, dos ganhos e posse dos bens. Apesar da moderna vida urbana e industrial imprimir relações e práticas mais despersonalizadas com sua capacidade de desfazer laços sociais e deteriorar os sentimentos de

solidariedade e de cooperação, a prática da solidariedade e da cooperação está presente em boa medida na vida cotidiana desses empreendimentos. (Nascimento, 2017, p. 14)

É importante salientar que dentro das instituições solidárias, apesar de todos possuírem o mesmo direito, há organização da atividade econômica, pois é necessário que os participantes decidam, por votação, quem será responsável pelo financeiro, quem será o presidente, etc. Ou seja, a economia solidária é um modo de produção e se considerar que toda a economia do país fosse solidária, a sociedade seria menos desigual. Entretanto, deve-se observar que apesar da cooperação entre todas as cooperativas, seria inevitável que uma sobressaísse sobre as outras, causando o mesmo efeito do capitalismo: vencedores e perdedores.

Nos empreendimentos solidários, os sócios não recebem uma quantia “X” de salário fixo, mas fazem retirada, que varia conforme a renda obtida com a venda dos produtos. Os associados decidem de forma coletiva, a partir de uma assembleia, se as retiradas, chamadas “sobras”, devem ser repartidas de forma igual ou diferenciada, visto que cada um recebe de acordo com o seu trabalho realizado. As sobras são o que fica em “caixa” após os sócios destinarem o uso do dinheiro para manutenção da associação, para materiais dos produtos, etc, e assim, dividida entre todos. Alguns empreendimentos organizam a divisão das sobras em valor igual para todos, por questões de princípios e não existir desigualdades.

A estratégia em utilizar economia solidária vem da perspectiva de valorizar o trabalho, ou seja, uma economia centrada para o esforço do trabalhador e não pra o lucro, como é no capitalismo. Os participantes deste tipo de economia fazem uso dos próprios meios numa ação conjunta uns com os outros, visando o sucesso da associação. No empreendimento o tipo de organização é autogestionária, portanto, todos os associados são responsáveis por mantê-lo em bom funcionamento. A economia solidária vem há anos sendo praticada pelos menos favorecidos financeiramente, vítimas da sociedade que se uniram com o objetivo de reinserir-se no mercado e competir com as empresas capitalistas, independente do lucro, utilizando produtos sustentáveis para este fim (SINGER, 2001).

Segundo Singer “A economia solidária compreende diferentes tipos de ‘empresas’, associações voluntárias com o fim de proporcionar a seus associados benefícios econômicos. Estas empresas surgem como reações a carências que o sistema dominante se nega a resolver.” (SINGER, 2001, p.105), ou seja, a economia solidária é caracterizada pela união de pessoas que visam à cooperação em grupo, a fim de obtenção de igualdade de direitos entre os



participantes do empreendimento, promove a propagação do consumo consciente e sustentável. Assim, a autogestão está baseada nas experiências com o uso da democracia e pelos direitos iguais a todos os associados.

Desta forma, percebe-se a Economia Solidária como um forte fator para o aprendizado da população local, pois cada cuidado é uma experiência passada por gerações e ensinada aos próximos para a continuação, a exemplo, o crochê, tricô. Assim, o trabalho por meio da Economia Solidária oferece aos jovens e adultos oportunidades de trabalho, renda e sobrevivência para que os mesmos não saiam de suas comunidades em busca de emprego, reduzindo esta prática. Sabe-se que este é um problema que assola muitos brasileiros, visto que a qualidade de vida aos menos favorecidos, ainda hoje, é precária. Muitos saem de suas cidades para os grandes centros urbanos em busca de emprego e melhoria de vida. Jovens, alguns sem terminar a escola e inexperientes, frustrados com a incerteza, acabam regressando aos lares desenganados pelo capitalismo.

Um jovem ou adulto que utiliza a economia pautada na solidariedade, como forma de garantia de renda, é uma pessoa capaz de mudar o rumo da própria vida e de não ficar estagnado à espera de alguma oportunidade de emprego que o capitalismo possa vir a oferecer. Portanto, compreende-se que a Economia Solidária participa da construção pedagógica do indivíduo ao indicar, como caminho alternativo, uma nova prática social, absorvendo o entendimento dessa prática de forma eficiente, pois a Economia Solidária não está presente apenas em teorias e livros, mas é algo que se aprende na prática, vivenciada no dia a dia do trabalhador. Os participantes de empreendimentos solidários devem manter seu comportamento voltado na solidariedade e cooperativismo, diferente do capitalismo que visa o lucro através da competição.

Portanto, ao deixar de utilizar as estratégias do capitalismo para as de solidariedade, o indivíduo passou por um processo de educação social, preservando a sua cultura, o meio ambiente, amigos e famílias. Para Singer (2005), a Economia Solidária propõe que as pessoas educadas na prática do capitalismo sejam reeducadas de forma coletiva e organizada, a fim de experimentar o processo juntos, como princípio dessa economia, e fazer a transição do modo competitivo para o cooperativo. É importante que todos estejam em sintonia para que o empreendimento dê certo:

Essa reeducação coletiva representa um desafio pedagógico, pois se trata de passar a cada membro do grupo outra visão de como a economia de mercado pode funcionar e do relacionamento cooperativo entre sócios, para que a

Economia Solidária dê os resultados almejados. Essa visão não pode ser formulada e transmitida em termos teóricos, mas apenas em linhas gerais e abstratas. O verdadeiro aprendizado dá-se com a prática, pois o comportamento econômico solidário só existe quando é recíproco. Trata-se de grande variedade de práticas de ajuda mútua e de tomadas coletivas de decisão, cuja vivência é indispensável para que os agentes possam aprender o que deles espera-se e o que devem esperar dos outros (Singer, 2005, p. 16).

Após a compreensão teórica da Economia Solidária, ela é concebida mais além do ato pedagógico: é um ato de afeto aos cooperados. Há união, ajuda mútua, companheirismo, há reciprocidade; isto é solidariedade, esta é a chamada “nova forma de economia” que já é praticada e muitos a praticam sem saber. Diante disso, percebe-se que a educação de jovens e adultos vai muito além dos muros da escola. É uma educação contínua e permanente que modifica e constrói pontes de saberes primordiais para a atuação do indivíduo na sociedade, pois há transformação de caráter baseada numa educação solidária que visa a melhoria do ser humano ao atuar no meio que vive e contribui.

## 2.4 RESILIÊNCIA

O contexto da sociedade atual traz à tona diversas situações estressantes no dia a dia, acarretando em alguns indivíduos memórias traumáticas, desenvolvendo perturbações psiquiátricas que interferem na rotina diária. É importante ressaltar que casos assim não são a maioria, e que existem mais pessoas capazes de enfrentar adversidades de forma positiva, extraindo benefícios dessas experiências negativas, mantendo-se, assim, saudável com o bom funcionamento psíquico e social (BONANNO, 2004).

Originada pela Física, a noção de resiliência significa o nível de resistência que um material pode suportar sem sofrer alterações permanentes frente às pressões sofridas, sendo capaz de retornar ao estado natural sem ocorrência de dano ou ruptura. A resiliência como característica de uma pessoa deve ser relativa a fatores que abordem o interior do ser humano e suas necessidades, assim como consequências externas associadas ao meio social, ou seja, a resiliência deve ser compreendida de forma que abrange os fatores intrínsecos e extrínsecos do indivíduo. A resiliência, para a psicologia, serve para indicar como o indivíduo responde aos problemas do dia a dia e como foi a sua capacidade de recuperação emocional frente a eles. Desta forma, quanto mais resiliente uma pessoa for, mais preparada para enfrentar as adversidades ela será.

A resiliência é concebida através de experiências frustrantes e facilita que o indivíduo as supere de forma permanente e positiva, sem se deixar abater. Pode-se ainda compreender a resiliência como um conjunto de respostas do indivíduo a situações de estresse. É inferida a partir dos componentes de uma adaptação positiva e, função da relação entre risco e proteção. Essa adaptação é peculiar do indivíduo e é com a qual ele pode contar nas situações de estresse (MELILLO e OJEDA, 2005). A resiliência possui significados em diversas áreas como a psicologia, a matemática, a física e a ambiental, sendo caracterizada como a energia de deformação máxima que um corpo suporta sem sofrer alterações irreversíveis.

Na psicologia, segundo Melillo e Ojeda (2005), seu conceito não é tão claro nem preciso como na física, pois há elementos mais complexos a serem analisados e discutidos, ou seja, muitos fatores que precisam ser levados em consideração quando se trata de fenômenos do ser humano e o processo psicológico. Assim, torna-se incomparável os dois conceitos (físico e psicológico) ao se falar em “deformação”. Pode ser feita uma síntese sobre adaptação de um indivíduo em uma situação de risco, visto que a psicologia absorveu o conceito construído dentro da física, criando um modelo de assimilação em que a psicologia faz a relação tensão-pressão-deformação de um corpo (física) relacionando-o com a situação risco-estresse-experiência adquirida nas situações de adversidades.

A busca pelo sucesso em todas as áreas (pessoais e profissionais) do indivíduo se apresenta com desafios e frustrações que abalam sua estrutura psicológica. Quando as expectativas em relação a metas e planos traçados causam desapontamentos, acarreta em níveis elevados de estresse no ser humano; desta forma, ele se encontra numa posição contrária às possibilidades de realizações na sua interação com o mundo. Como forma de enfrentar os problemas da vida, o homem, psicologicamente preparado, reage a eles como defesa de reordenar os planos, sem haver necessidade de abandonar os seus desejos, sobressaindo frente às adversidades, mesmo que as circunstâncias estejam favoráveis ao insucesso. Não são as situações frustrantes e o sentimento de falha que predomina no indivíduo resiliente, mas o enfrentamento delas e resolução mais positiva possível.

Cada pessoa reage e enfrenta as dificuldades de uma forma, de diferentes situações, com desânimo ou otimismo, fazendo uso de estratégias para enfrentar as adversidades. Estas estratégias são chamadas de estratégias de “coping”<sup>1</sup>. Caracterizado como uma forma de aliviar os elevados níveis de estresse, promovendo uma maior qualidade de vida. O coping é

---

<sup>1</sup> Lazarus & Folkman (1984) designam coping como o conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos com o objetivo de lidar com exigências específicas, internas ou externas, que surgem em situações de stress e que são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo os seus recursos pessoais.

caracterizado como **estratégias adaptativas cognitivas e comportamentais** e influencia a capacidade de regular o interior do indivíduo com o meio que habita. As estratégias de **coping** são utilizadas pelo indivíduo quando algumas situações, com diferentes níveis de estresse, o sobrecarrega. Tem a função de analisar o estado emocional que acompanha o estresse e atua na situação o originou.

Ainda de acordo com Folkman e Lazarus (1984), as estratégias de **coping** são classificadas em duas categorias: estratégias focadas na **EMOÇÃO** (objetiva regular o estado emocional do indivíduo, acompanhando o estressor) e estratégias focadas no **PROBLEMA** (estratégias voltadas para modificar o estressor). Estas estratégias podem mudar de função em diferentes momentos durante os estágios de uma situação estressante.

O **coping** focado na **emoção** é definido como um esforço para regular o estado emocional que é associado ao estresse, ou seja, visa reduzir as tensões e reações emocionais provocadas por ele. As estratégias voltadas para a emoção ocorrem com maior intensidade quando o indivíduo se autoavalia e percebe que não há o que fazer para modificar a ameaça ou perigo provocados pelas condições propícias ao estresse.

O **coping** focado no **problema** é entendido como o esforço para agir na origem do estresse, ou seja, esforços para agir ativamente na mudança da situação para torna-la menos estressante. As estratégias voltadas para o problema visam alterar o problema existente entre o indivíduo e o ambiente causador do estresse. A ação do **coping** é direcionada através de fatores interna (inclui estratégias de reestruturação cognitiva) ou externamente (inclui estratégias de negociação para resolver o conflito).

As estratégias de **coping** também podem ser classificadas como **coping ativo** (de aproximação) e **coping passivo** (de evitação). Para Roth e Cohen (1986), o **coping** tipo **aproximação** representa atividades comportamentais e cognitivas voltadas para o estressor, buscando alternativas para mudar a forma de encarar o problema. A aproximação possibilita restaurar as situações, tornando-as controláveis. O **coping** tipo **evitamento** representa atividades comportamentais e cognitivas voltadas para longe do estressor, como forma insensível a ele, evitando-o. O evitamento age prevenindo a ansiedade frente os acontecimentos.

Há, ainda, dois tipos de atividades (avaliações) para agir diante às adversidades: a avaliação primária, caracterizada como processo cognitivo através do qual o ser humano analisa o risco envolvido numa determinada situação de estresse; e a avaliação secundária, definida como quais são as análises e quais os recursos disponíveis (pessoais e sociais) para lidar com o problema.

Assim sendo, as estratégias de **coping** são estratégias de enfrentamento de problemas, como forma de resolução dos mesmos, dando atenção especial ao modo como as pessoas encaram as situações e ao momento posterior destas situações, avaliando os recursos possíveis para lidar com os acontecimentos que exigem a ativação do **coping**, compreendendo que o nível de estresse depende de diferentes situações e varia de um indivíduo para outro.

O sofrimento mental ocasionado pelas adversidades compromete a qualidade de vida e o potencial de resiliência do indivíduo. Pequenos problemas ocorridos diariamente geram mais sofrimento emocional que um grande problema. Conflitos habituais, como condições socioeconômicas e eventos estressantes em pessoas menos resilientes, podem provocar o desgaste emocional que repercute sobre a saúde física do sujeito. Esta forma de problema emocional é frequente em pessoas com menor grau de resiliência psicológica. Indivíduos com baixa autoestima são mais vulneráveis e padecem de constante sofrimento psíquico, enfrentam mais problemas de relacionamentos e são menos ligados à religiosidade, utilizam estratégias de evitação dos problemas. Quanto mais vulnerável for o sujeito, menos capacidade de resiliência ele terá (LAZARUS e FOLKMAN, 1984).

## 2.5 RESILIENCIA FRENTE AS DESIGUALDADES SOCIAIS

Como visto anteriormente, para superar uma situação de adversidade, o indivíduo utiliza estratégias de enfrentamento, denominado "**coping**". Tais estratégias são responsáveis por tornar o ser humano resiliente diante das dificuldades encontradas no dia a dia, seja focando no controle da emoção ou com foque em modificar a situação-problema. Assim, quando o indivíduo encontra-se diante de um momento de estresse, por ter a capacidade de resiliência elevada, consegue enfrentá-lo sem causar danos para si. Não são as situações frustrantes e o sentimento de falha que predomina no indivíduo resiliente, mas o enfrentamento delas e resolução mais positiva possível.

As adversidades causam sofrimento mental que compromete a qualidade de vida e o potencial de resiliência do indivíduo, então, o **coping** é utilizado pelo indivíduo para se adaptar e conseguir enfrentar as dificuldades que surgem, ocasionando assim, a minimização do dano que elas poderão causar. As estratégias são lançadas quando o sujeito percebe que determinada situação será estressante. É preciso analisar os esforços que o sujeito realiza para manusear as adversidades, independente do resultado, pois, pessoas mais resilientes têm como qualidade a autoestima elevada, possui pensamentos positivos sobre si e conseguem aprender com as dificuldades, tornando o processo de enfrentamento o melhor possível.

O indivíduo que tem êxito na interação social é capaz de relacionar-se com os outros e com o ambiente. Ao se comportar de forma positiva frente aos obstáculos e ao meio social, as pessoas mais resilientes são determinadas e persistentes quando algo não sai como o planejado, pois a autoestima faz com que elas sintam-se satisfeitas consigo. Em contrapartida a isso, os menos resilientes têm um sentimento negativo sobre si, são mais contidos e ficam estagnados socialmente; não “saem do casulo” e são menos propensos à criação e realização de projetos.

Diante das desigualdades sociais que assolam o país, a classe trabalhadora rural é a que mais sofre com escassa condição financeira, sendo preciso novas alternativas para conseguir renda para o sustento da família. Assim sendo, ao relacionar a resiliência com os desafios vivenciados pelos indivíduos que participam de empreendimentos solidários, percebe-se que os mesmos enfrentam uma luta diária para se manter no mercado financeiro atual, de forma sustentável, mas sem explorar o meio ambiente nem os consumidores, com matéria-prima e recursos próprios, diferente do mercado capitalista que visa o lucro exacerbado e, em muitos casos, oferece produtos de má qualidade que degradam o meio ambiente.

Dentre muitos momentos de adversidades sofridas pela cooperativa cuiuiú, empreendimento solidário, analisado neste trabalho, abaixo está em destaques algumas situações que provocam esgotamento emocional e físico no trabalho, sendo necessário o uso das estratégias de **coping** para ativar a resiliência. O QUADRO HIPOTÉTICO foi construído através da entrevista com a artesã da cooperativa, detalhada na seção “**Resultados e Discussões**”, momento em que a entrevistada revelou os prazeres e dificuldades em se trabalhar com Economia Solidária.

Quadro 1: Tipos de Coping

<u>SITUAÇÃO</u>	<u>COPING</u>	<u>RESILIÊNCIA</u>
Falta de encomendas	Focado na emoção (ativo)	A aproximação possibilita controlar as situações de estresse. Assim, a capacidade de resiliência está no momento em que os artesãos a rotina na comunidade mesmo sem

		encomendas.
Falta de material	Focado no problema (ativo)	A <b>aproximação</b> possibilita controlar as situações de estresse. Assim, a capacidade de resiliência está no momento em que há entendimento que a falta de material é passageira.
Desavenças	Focado na emoção (passivo)	O <b>evitamento</b> age contra o estressor, prevenindo a ansiedade frente os acontecimentos. Assim, a capacidade de resiliência está no momento em que as desavenças entre os mebrs são deixadas de lado para dar continuidade aos trabalhos na cooperativa.
Financeiro	Focado no problema (ativo)	A <b>aproximação</b> possibilita controlar as situações de estresse. Assim, a capacidade de resiliência está no momento em que os artesãos buscam novas alternativas para adquirir renda financeira.
Desvalorização local	Focado na emoção (passivo)	O <b>evitamento</b> age contra o estressor, prevenindo a ansiedade frente os acontecimentos. Assim, a capacidade de resiliência está no momento em que os artesãos compreendem que suas peças são importantes para a cultura local, apesar da população não ter tanto conhecimento sobre elas.
		A <b>aproximação</b> possibilita controlar as

Trabalho em casa	Focado no problema (ativo)	situações de estresse. Assim, a capacidade de resiliência está no momento em que é possível confeccionar as peças em casa no horário mais propício, sem haver deslocamento para outros locais de trabalho.
União	Focado na emoção (passivo)	O <b>evitamento</b> age contra o estressor, prevenindo a ansiedade frente os acontecimentos. Assim, a capacidade de resiliência está no momento em que há amizade e companheirismo entre todos. Cada um faz tem função, dentro da cooperativa, mas não medem esforços para ajudar outro membro que precise.
Reconhecimento	Focado na emoção (passivo)	O <b>evitamento</b> age contra o estressor, prevenindo a ansiedade frente os acontecimentos. Assim, a capacidade de resiliência está no momento em que, apesar da deficiência na divulgação local, o nome da cooperativa é conhecido pela arte e que os artesãos são convidados para feiras e eventos de artesanatos.
Autoestima	Focado na emoção (ativo)	A <b>aproximação</b> possibilita controlar as situações de estresse. Assim, a capacidade de resiliência está no momento em que os artesãos sentem-se



		valorizados após enviar uma encomenda e saber que suas peças estão sendo vendidas por todo território nacional.
--	--	---

Fonte: Gabriela Pontes (2017)

O quadro hipotético acima retrata os tipos de coping (ativo ou passivo/focado na emoção ou no problema) e como a resiliência foi usada para enfrentar as situações de estresse, representando as atividades comportamentais e cognitivas dos artesãos, sob a óptica da artesã entrevistada para a realização deste trabalho.

### 3 METODOLOGIA

A cooperativa estudada conta com aproximadamente 170 famílias que trabalham com o artesanato de cordas de fibra de sisal, confeccionado na comunidade, responsável pela principal fonte de renda para o próprio sustento. Esta atividade já é antiga na região de Barra de Santa Rosa (região com maior produção de sisal da Paraíba), porém, a realidade financeira só começou a mudar a partir de 1997, através das parcerias entre a comunidade, a PEASA (Programa de Estudos e Ações do Semiárido Paraibano), a UFCG (Universidade Federal da Paraíba), PAQTC-PB (Fundação Parque Tecnológico da Paraíba) e o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas), propondo ações visando melhoria da renda financeira dos moradores da comunidade.

A partir do objetivo geral que visa analisar como o público da EJA se comporta diante das dificuldades encontradas no dia a dia, dividindo seu tempo entre a jornada de trabalho e o ambiente escolar, através das estratégias de resiliência, a pesquisa cumpre os seguintes objetivos específicos: analisar o perfil dos participantes de atividades de Economia Solidária da Cooperativa Cuiuiú, através das contribuições de uma artesã da comunidade; Relacionar a Economia Solidária e resiliência com o intuito de investigar possibilidades de ligação entre ela e a EJA.

Tais aspectos dos objetivos específicos podem ser percebidos durante o desenvolvimento do trabalho.

Para a realização da pesquisa foi entrevistada apenas uma artesã da Cooperativa Cuiuiú, pois a mesma, além de trabalhar com Economia Solidária, também é estudante e moradora daquela comunidade, que respondeu a uma entrevista guiada por um roteiro contendo vinte questões acerca da própria escolaridade e das dificuldades mais comuns existentes na cooperativa. Tais dificuldades são precursoras da pouca valorização local para produção das peças e são as seguintes: **escolaridade**, as **desigualdades sociais** (renda insuficiente para a sobrevivência), pouco **investimento** para dar continuidade à produção das peças, e a **resiliência**, situações estas explicadas na Seção de Fundamentação Teórica.

Como instrumento da pesquisa utilizou-se uma entrevista guiada por um roteiro previamente elaborado (Apêndice 2) contendo vinte perguntas sobre escolaridade, desigualdades sociais, pouco investimento local e resiliência, além de conversas formais, gravadas e com o termo de consentimento autorizando o uso dos dados obtidos na entrevista. A artesã escolhida para a pesquisa deste trabalho reside na comunidade com seus familiares e

atua na cooperativa desde os dezessete anos, juntamente com sua irmã, com o objetivo de obter renda extra para si e para auxiliar nas despesas da casa.

Quanto à abordagem do problema, utilizamos para construção do **corpus** a pesquisa qualitativa. O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa por descrever a realidade dos envolvidos da Cooperativa, assim como a rotina da artesã entrevistada, buscando compreender a complexidade do problema que assombra os grupos sociais envolvidos no estudo (RICHARDSON, 1999).

A entrevista foi realizada no mês de junho de 2016, utilizando como recurso o uso de um gravador com o consentimento da entrevistada. As transcrições foram feitas imediatamente após sua execução, extraindo-se apenas elementos principais das respostas da artesã, necessários para a elaboração do trabalho em, logo após visitação à cooperativa, período em que ocorreram momentos de conversas com Adriana Freire dos Santos, filha do presidente da cooperativa, responsável pela divulgação da cooperativa. A função da Adriana é receber os pedidos de compras e orçamentos através do **site**, além da responsabilidade em mantê-lo ativo e atualizado.

Adriana trouxe informações pertinentes ao trabalho, tais como a oportunidade de todos que participam da cooperativa em participar de cursos para aprimorar as peças e curso de informática; o dia a dia na comunidade; as encomendas das peças; o trabalho realizado pelas artesãs que tanto pode ser realizado na sede da cooperativa, como em seus próprios lares, visto que a maioria das artesãs é composta por donas de casas que necessitam realizar os afazeres domésticos, paralelo ao artesanato.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização da pesquisa, foi entrevistada uma artesã da Cooperativa Cuiuiú M.L.S., 27 anos, estudante do curso de saúde bucal do CETES (Centro de Ensino Técnico em Saúde), na cidade de Cuité-PB, que respondeu as questões relacionadas às dificuldades enfrentadas na cooperativa, até a forma de entendimento e superação destas. De acordo com as informações coletadas, através das respostas da entrevistada, por meio do questionário com roteiro guiado, atingiu os seguintes resultados:

##### Quadro 2: Roteiro da entrevista

<b>QUANTO A ESCOLARIDADE</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ensino médio completo</li> <li>• Curso Técnico de Saúde Bucal</li> <li>• Curso de formação continuada no SEBRAE para aperfeiçoamento das peças</li> </ul>
<b>QUANTAS DESIGUALDADES SOCIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixa renda financeira na comunidade</li> <li>• Falta de oportunidades de empregos na região</li> </ul>
<b>QUANTO AO INVESTIMENTO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• População não valoriza os produtos da cooperativa</li> <li>• Políticos não incentivam a produção: os recursos são próprios da cooperativa</li> </ul>
<b>QUANTO A RESILIÊNCIA</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A entrevistada só ouviu falar, mas não sabia o significado</li> <li>• Se considera uma pessoa resiliente</li> <li>• Enfrentou situações estressantes de forma otimista</li> </ul>
<b>QUANTO OS DESAFIOS DA COOPERATIVA</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O sisal é matéria-prima rica da região, mas não há plantação na comunidade</li> <li>• Renda extra para iniciar nas próximas remessas</li> <li>• Divulgação insuficiente das peças</li> </ul>
<b>QUANTO AS SITUAÇÕES ESTRESSANTES</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Poucas encomendas</li> <li>• Falta de incentivo financeiro</li> <li>• Trabalho excessivo para entregar no prazo</li> </ul>
<b>QUANTO O ENFRENTAMENTO DOS PROBLEMAS</b>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aumento da autoestima, individual e coletivamente</li> <li>• Sensação de ser recompensada pelo trabalho</li> </ul>
QUANTO AS VENDAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Redes Pão de Açúcar</li> <li>• Orçamentos, pedidos e vendas <b>online</b> no <b>site</b> da cooperativa</li> <li>• Pedidos na própria cooperativa</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa (2016)

A entrevistada alega que realizou cursos de formação continuada para aprimorar suas técnicas com o artesanato, além de um curso na área da saúde. Alega também que há dificuldades em se trabalhar numa cooperativa solidária, que elas são reais e causam desgaste físico e emocional, porém, são enfrentadas e resolvidas com a união de todos que fazem parte. A valorização dos clientes também é um indicativo de satisfação no trabalho com a economia solidária, pois é um elemento motivador.

A entrevistada trabalha com artesanato há cerca de dez anos, por questões financeiras, e sua função na cooperativa é fazer o acabamento da peça montada por outro artesão. Sua irmã também é artesã. Quando indagada se fez ou havia feito cursos de formação continuada, M.L.S. respondeu “SIM”, julgando ser importante aprofundar seus conhecimentos dentro da cooperativa ou fora dela:

“Sempre gostei da área de odontologia e o curso do CETES era o que eu poderia arcar financeiramente, além de ser mais próximo da comunidade Cuiuiú e, assim, mais fácil para arrumar trabalho, fora da cooperativa. Fiz curso na cooperativa, patrocinado pelo SEBRAE, para aperfeiçoamento dos artesãos, por exemplo: melhoria no designer das peças para deixá-las mais modernas e satisfazer os clientes, como a exigia a rede Pão de açúcar, cliente da cooperativa.”

Apesar de trabalhar com artesanato há bastante tempo, M.L.S. deseja seguir carreira na área odontológica, visando uma perspectiva e melhoria de vida. Contudo, não pretende abandonar o artesanato, mas para ela, esta atividade não gera renda suficiente para sustento das famílias na comunidade e, por isso, optou por uma formação voltada para a área da saúde.

Sobre os desafios de se manter a Economia Solidária na região, através do trabalho da cooperativa, a resposta foi breve e enfática: “Não há plantação de sisal no sítio Cuiuiú, a plantação é realizada em outro local, havendo deslocamento da equipe responsável para trazê-

lo até a comunidade. Se a plantação fosse no local, seria melhor.”. Desta forma, a confecção das peças seria mais rápida e não haveria gastos com o deslocamento. Outro desafio enfrentado pelos artesãos do Cuiuiú é sobre a divulgação dos produtos que não é suficiente para que todos saibam das peças produzidas na própria região. A entrevistada afirma ainda que:

“A divulgação na região é pouca. Apesar da cooperativa ser convidada para feiras/eventos de artesanato nas grandes cidades (João Pessoa, Campina Grande) e possuir site para este fim, nem todos tem acesso a ele. Como alternativa para driblar este desafio, seria os artesãos sair oferecendo as peças às lojas, divulgando os produtos para fazer uma tentativa de vendas, deixa-los nelas, sem compromisso.”

Em relação aos desafios pertinentes à melhoria de vida dos artesãos no trabalho dentro da cooperativa, foi afirmado que a presença de uma renda extra é essencial, pois, assim, quando uma remessa dos produtos for entregue, já teria recursos financeiros para começar na próxima. Atualmente, segundo M.L.S. “a cooperativa tem que esperar uma encomenda chegar para pagar as contas e começar tudo de novo.”. Com a renda extra, não há necessidade de aguardar pelo pagamento da encomenda anterior para começar na próxima.

Constantemente, em qualquer ambiente de trabalho, existem situações que exigem muito esforço (físico ou mental) do trabalhar, da mesma forma, ocorre com membros de Cooperativas de Economia Solidária, em especial, a Cooperativa Cuiuiú, foco desta análise. Tais situações contribuem para a baixa da autoestima do trabalhador. Foi revelado, durante a entrevista, que houve períodos em que a artesã passou dias dormindo tarde e acordando cedo para concluir remessas de encomendas. Sentiu muito cansaço, mas teve a sensação de realização pelo dever cumprido. Paralelo a isso, a questão do baixo investimento financeiro para compra do material mais sofisticado para a confecção das peças, também afeta a autoestima do artesão que precisa estar adaptado aos gostos dos clientes.

No item sobre Resiliência, no questionário, a entrevistada não sabia do que se tratava, conhecia apenas o termo, e a após a explicação, afirmou se considerar uma pessoa resiliente e salientou da importância de ser resiliente nas situações de adversidades ao relatar que precisou enfrentar momentos difíceis na comunidade, pois:

“É importante ser uma pessoa resiliente para não parar diante das dificuldades e sempre procurar outra possibilidade para enfrenta-las. A

cooperativa já passou alguns meses sem encomendas e foi muito difícil para os artesãos, pois abalou a autoestima de todos. Se não houvesse encomenda por muito tempo, eu procuraria outros caminhos para adquirir renda.”

Os resultados da pesquisa apontam a necessidade de haver investimento na cooperativa para que ocorra, de fato, uma maior visibilidade no âmbito regional e estadual dos produtos confeccionados na localidade de Barra de Santa Rosa, fator predominante para desencadear desgaste emocional e desestímulo nos artesãos. Apontam também para a falta de conhecimento da entrevistada sobre Resiliência, termo relacionado às condições emocionais do indivíduo.

Quando uma pessoa é afetada por um desgaste emocional ou físico, tende a se deixar abater pela situação, afetando toda a vida social, bem como a própria saúde. Inclusive, há na medicina um termo médico para a condição oriunda da junção deste desgaste, a “Síndrome de *Burnout*”<sup>2</sup>. Partindo disso, está a resiliência, termo utilizado como a caracterização do otimismo e a capacidade de não se deixar abater pelas adversidades, transformando situações frustrantes em experiências positivas (MASLACH e JACKSON, 1981).

As desigualdades sociais são visíveis na região, o acesso à melhoria de vida e trabalho é difícil, ocasionando a migração de muitos nativos da comunidade para os grandes centros urbanos. Quanto à escolaridade, a entrevistada participante alegou que é importante se capacitar, não apenas para aprimoramento das peças, mas para o mercado de trabalho em geral. A área escolar da comunidade é precária e o curso oferecido aos artesãos foi em parceria com a incubadora da UFCG-Cuité e o SEBRAE.

A renda financeira advinda da venda dos produtos em sisal da cooperativa é distribuída de forma igualitária, de acordo com o trabalho realizado por cada artesão. Esta renda não é suficiente como renda única para manter uma família, mas é fundamental como um extra e auxílio no sustento na compra de mantimentos, quitação de débitos ou compras necessárias para o dia a dia, segundo a entrevistada.

De acordo com os dados obtidos, o trabalho realizado a partir da Economia Solidária contribui para o firmamento da cooperativa em prol do mesmo objetivo: enfrentar as dificuldades financeiras, através do trabalho em grupo, com recursos próprios e sem degradar o meio ambiente. Estas ações conjuntas reafirmam a necessidade do povo em lutar,

---

<sup>2</sup> A definição de *burnout* mais referenciada continua a ser a de Maslach e Jackson (1981), sendo caracterizado como um cansaço físico e emocional que leva a uma perda de motivação para o trabalho, podendo evoluir até à manifestação de sentimentos de inadequação e de fracasso.

diariamente, por inserção na sociedade, vencendo os conflitos físicos/emocionais por meio da estratégia de resiliência.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho revelou como o alunado da EJA se comporta diante das dificuldades encontradas no dia a dia, dividindo seu tempo entre a jornada de trabalho e o ambiente escolar, através das estratégias de resiliência. A capacidade de resiliência, como um processo de proteção, responsável pela superação das dificuldades que os envolvidos em grupos solidários enfrentam na rotina do ambiente de trabalho, além de enfrentar os obstáculos relacionados à problemática de uma educação fundamentada na EJA. Estas questões são responsáveis pelo abalo emocional e físico do indivíduo no âmbito do trabalho e escolar.

Através dos dados obtidos, percebe-se que o trabalho realizado, a partir das experiências de uma artesã que trabalha com Economia Solidária e ainda faz cursos para capacitar-se profissionalmente, contribui para o fortalecimento do indivíduo explicitando a forte presença da resiliência para vencer os desafios provenientes desta forma de se praticar economia, juntamente com a necessidade de se igualar na sociedade, através dos estudos, visto que uma pessoa com “formação acadêmica” é considerada com mais prestígio que outra com “formação de vida”.

Em meio a isso, o presente estudo verificou que a realidade social e econômica da comunidade estabelece relações entre o sentimento de inferioridade referente às desigualdades sociais e o interesse em mudar esta realidade, através do trabalho em equipe e solidário, refletindo no empenho de todos para contornar as situações estressantes que causam a exaustão emocional em situações de aprendizagem e crescimento, como é o caso da artesã aqui entrevistada que optou permanecer com o artesanato, mas também incluir uma profissão além desta.

Dentro da cooperativa é importante observar o principal causador do estresse e agir nele para prevenir que ocorram mais situações conflitantes. É necessário que haja nela, respeito mútuo e diálogo para evitar desavenças. O estresse no trabalhador é resultado de uma sucessão de acontecimentos, como a falta de investimento e reconhecimento local para que as encomendas sejam constantes para melhorar o financeiro da comunidade e, assim, a verba dos artesãos. Além deste, há diversos outros motivos responsáveis por sobrecarregá-los, podendo levá-los ao descontentamento e sofrimento, acarretando na desistência do trabalho e queda na autoestima, questão que a Economia Solidária tenta resgatar.

Com isso, é importante conceber a EJA como recurso essencial dentro de empreendimentos que realizam Economia Solidária, pois a mesma não trabalha apenas produtos para serem comercializados, mas o psicológico/emocional dos participantes desta

prática. Estabelecer a relação entre educação e sociedade é propiciar o aumento da capacidade de resiliência destes indivíduos que lutam por qualidade de vida.

Assim, concluímos que a resiliência projetada para facilitar que o indivíduo saia fortalecido diante as adversidades, é de extrema importância para o bom funcionamento da Cooperativa Cuiuiú, pois o artesão resiliente tem comportamento otimista sobre as dificuldades diárias, entendidas como “normais” em todo e qualquer empreendimento. Este comportamento eleva a autoestima e deve ser estimulado para haver motivação positiva de todos, tanto nas atividades com o artesanato, quanto no contato com os membros da comunidade.

Diante do exposto, portanto, verificou-se que através das estratégias de resiliência é possível observar a valorização do trabalhador, visto que um artesão resiliente não se deixa abater pelas dificuldades encontradas na cooperativa, é oposto a isto, ele se torna cada vez mais fortalecido e impulsionado para trabalhar por prazer, em prol dos membros da cooperativa e pelo bem da comunidade, no geral.

## 6 REFERÊNCIAS

BONANNO, G. Loss, trauma, and human resilience: have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? *Psychological Trauma*, vol.59(nº.1),p. 101-113, 2004.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal (1988). Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 07 de janeiro de 2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em 28 de dezembro de 2016.

BRASIL. Lei 10.287 de 20 de setembro de 2001. Altera dispositivo da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 2001. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LEIS\\_2001/L10287.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10287.htm)>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, de 05 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

CASTRO, M. A. C. D. Revelando o sentido e o significado da resiliência na preparação de professores para atuar e conviver num mundo em transformação. In: Tavares, J. (org) *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

CONAE. Parecer CNE/CEB 11/2000 – Homologado. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf)>. Acesso em 05 de janeiro de 2017.

GADOTTI, Moacir. Economia solidária como práxis pedagógica/ Moacir Gadotti ( 2009, P. 26 a 30) São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009 (Edição popular).

LAZARUS, R. S., & FOLKMAN, S. *Stress, Appraisal and Coping*. New York: Springer, 1984.

MASLACH, C. & JACKSON, S.E. The measurement of experience burnout. *Journal of Occupational Behavior*, 1981.

MASLACH, C. & LEITER. **Trabalho: Fonte de prazer ou desgaste? Guia para vencer o estresse na empresa** / Christina Maslach, Michael P. Leiter; tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 1999.

MELILLO, A.; OJEDA, N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Campos, Porto Alegre: Artmed, 2005.

NASCIMENTO, Jaqueline Silva. **Cooperativismo e Economia Solidária: diagnóstico de práticas na Cooperativa Artesanal do Cuiuiú**. p. 14, 2017. 54 f. Monografia. Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

RICHARDSON, Robert Jarry e tal. **Pesquisa social métodos e técnicas** 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROTH, S. & COHEN, L., J. Approach, Avoidance, and Coping with Stress. *American Psychologist*, 1986.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul. **Economia solidária versus economia capitalista**, *Sociedade e Estado*, Brasília, vol.16, 2001.

SINGER, Paul. "A Economia Solidária como antítese do capitalismo" in *Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos*. Sonia M. Portella Kruppa (Org.). Brasília: Inep, 2005.

<http://www.carasdobrasil.com.br>. Acesso em 08 de janeiro de 2017.

<http://www.coopercuiuiu.com.br>. Acesso em 08 de janeiro de 2017.

<https://www.top100.sebrae.com.br>. Acesso em 08 de janeiro de 2017.

[http://www.psiquiatriageral.com.br/psicossomatica/resiliencia\\_nocoas\\_conceitos.htm](http://www.psiquiatriageral.com.br/psicossomatica/resiliencia_nocoas_conceitos.htm). Acesso em 08 de janeiro de 2017.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1

### Imagens da Cooperativa Cuiuiú e do stand de vendas dos produtos



Figura 1 – Sede da Cooperativa Cuiuiú. (2016).

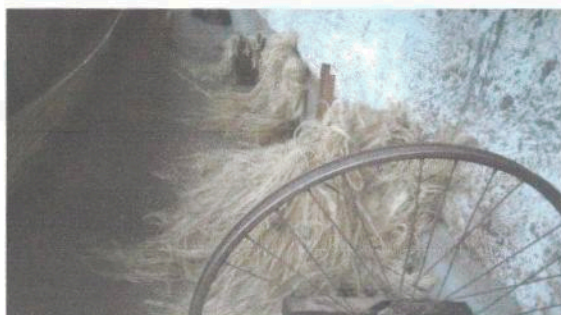


Figura 2 – Cordoalha da fibra do sisal (2016).



Figura 3 – Artesã fazendo a cordoalha (2016).



Figura 4 – Maquinaria (2016).



Figura 5 - Maquinaria (2016).

Fonte: Acervo Gabriela Pontes (2016/2017)



Figura 6 - Prateleiras “Caras do Brasil”, GPA (2017).



Figura 7 - Prateleiras “Caras do Brasil”, GPA (2017).



Figura 8 - Prateleiras “Caras do Brasil”, GPA (2017).



Figura 9 - Prateleiras “Caras do Brasil”, GPA (2017).



Figura 6 - Prateleiras “Caras do Brasil”, GPA (2017).



Figura 11 – GPA, João Pessoa – PB (2017)

Fonte: Acervo Gabriela Pontes (2016/2017)

## APÊNDICE 2



Universidade Federal de Campina Grande  
Centro de Educação e Saúde – CES / Cuité

Aluna: Gabriela de Souto Pontes

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Letícia Caporlândia Giesta

ROTEIRO GUIADO PARA A ENTREVISTA  
Cooperativa Cuiuiú, Barra de Santa Rosa-PB

1. Qual seu nome completo e idade?
2. Terminou a escola? Com quantos anos?
3. Se não terminou ou terminou em idade avançada, qual o motivo?
4. Faz ou fez algum curso de formação continuada (aperfeiçoamento, saúde, SEBRAE, etc.)?
5. Se sim, por que escolheu fazê-lo?
6. Há quanto tempo trabalha com artesanato? O que você produz?
7. Alguém da sua família também participa das ações da cooperativa?
8. Como decidiu ser artesão da Cooperativa Cuiuiú?
9. Acha interessante aprofundar os estudos para sua participação como artesã na comunidade?
10. Pretende dar continuidade à atividade de artesã?
11. Na sua visão, essa atividade gera renda suficiente para você ou para as outras famílias da cooperativa?
12. Quais os desafios para manter a Economia Solidária na sua região?
13. A forma de divulgação dos produtos da cooperativa Cuiuiú é suficiente? O que deveria ser feito para melhorar?
14. O que poderia ser mudado para melhorar a situação dos artesões da cooperativa?
15. Houve alguma situação em que você teve que se desdobrar para entregar uma grande quantidade de produtos? Como você se sentiu?
16. Você já passou por alguma situação difícil e precisou enfrentá-la?
17. Como você se comportaria diante de uma situação emocionalmente desgastante?
18. Já ouviu falar na palavra “resiliência”? Sabe o que significa?
19. Você se considera uma pessoa resiliente?
20. Você acredita que ser uma pessoa resiliente é importante? Por quê?



### APÊNDICE 3

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é GABRIELA DE SOUTO PONTES e gostaria de conversar com a senhora sobre uma pesquisa que estamos fazendo pela UFCG. Um dos objetivos desta pesquisa é apresentar a forma como os participantes de grupo de Economia Solidária, do sítio Cuiuiú, Barra de Santa Rosa – PB, enfrentam as desigualdades sociais, utilizando as estratégias de resiliência, relacionando-os com a perspectiva de uma educação fundamentada na EJA. Caso concorde em participar da pesquisa, será realizada uma entrevista com a senhora, onde serão perguntadas informações sobre a forma de como vocês trabalham na Cooperativa de Produção Artesanal do sítio Cuiuiú, Barra de Santa Rosa – PB.

Este trabalho está sendo realizado pela Universidade Federal de Campina Grande, sob o título “Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária: das Frustrações ao Empoderamento do Ser” e não tem nenhuma relação com governo ou outra instituição. Nossa finalidade única é obter informações sobre as práticas de superação das adversidades, relacionadas à Economia Solidária desenvolvidas na Cooperativa de Produção Artesanal do sítio Cuiuiú, e, dessa forma, a participação da senhora não implica em nenhum benefício material como o recebimento de doações de alimentos ou a inclusão em programas governamentais.

A senhora não é obrigada a participar da pesquisa e se não participar isto não vai lhe trazer prejuízos. A senhora poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e por qualquer motivo. Os resultados deste trabalho deverão ser divulgados em revistas científicas, mas com a garantia de que, em nenhuma circunstância, as identidades dos entrevistados serão identificadas.

Se todas as suas dúvidas foram esclarecidas, pedimos o seu consentimento para incluí-la como participante da pesquisa. Se tiver qualquer dúvida sobre o estudo, pode entrar em contato com a coordenadora da pesquisa Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

Responsável pela pesquisa

**Gabriela de Souto Pontes**

Orientadora da Pesquisa

**Profª Dra. Leticia Caporlândia Giesta**

Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Educação e Saúde

Unidade Acadêmica de Educação. Tel: (83) 3372-1900

#### AUTORIZAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e concordo em participar da pesquisa “Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária: das Frustrações ao Empoderamento do Ser” e com a publicação dos resultados.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Entrevistador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Entrevistado(a)

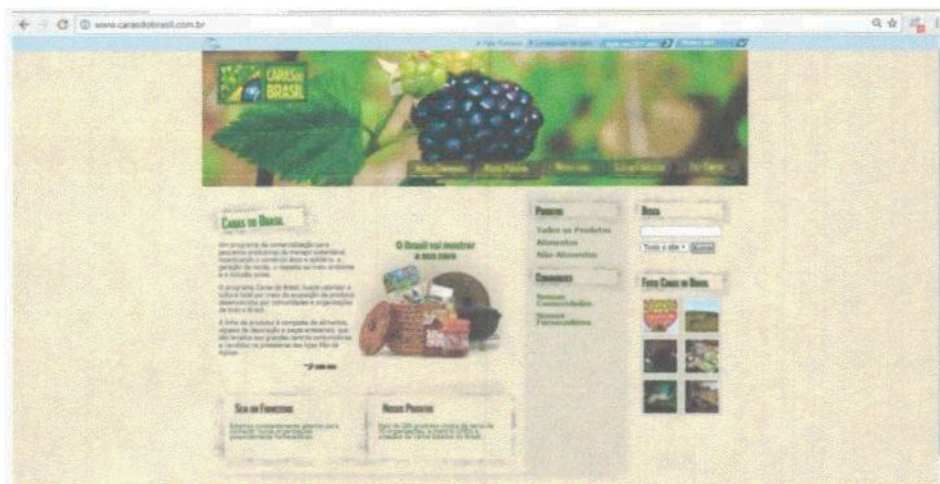
\_\_\_\_\_  
Assinatura da testemunha

ANEXOS

IUFEG/BIBLIOTECA

## ANEXOS

## Sites da divulgação e venda do artesanato da Cooperativa Cuiuiú

Figura 12. Fonte: <http://www.carasdobrasil.com.br>Figura 13. Fonte: <https://www.top100.sebrae.com.br>Figura 14. Fonte: <http://www.coopercuiuiu.com.br>

Produtos confeccionados pela Cooperativa Cuiuiú. Fonte: <http://www.coopercuiuiu.com.br>



Figura 15 – Bolsa



Figura 16 – Caixa para acessórios



Figura 17 e 18 – Bandejas



Figura 19 – Luminária

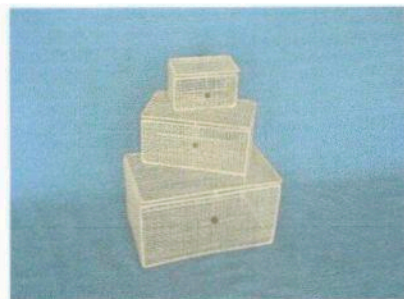


Figura 20 – Caixa organizadora\*



Figura 21- Almofada

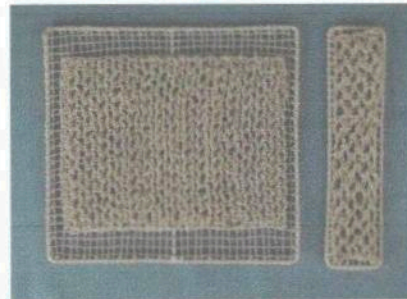


Figura 22 – Jogo Americano